

TRABALHANDO ESPACIALIZAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA: DISCUSSÃO TEÓRICA E RELATO DE EXPERIÊNCIA PRÁTICA

*WORKING SPACIALIZATION IN THE PEDAGOGY COURSE: THEORETICAL DISCUSSION AND PRACTICAL
EXPERIENCE REPORT*

*TRABAJANDO ESPACIALIZACIÓN EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA: DISCUSIÓN TEÓRICA Y RELATO DE
EXPERIENCIA PRÁCTICA*

Luana Caroline Kunast POLON*

RESUMO

O ensino de Geografia é um dos elementos presentes nos cursos de formação de Pedagogos no Brasil, juntamente com os demais conhecimentos necessários e pertinentes à prática destes profissionais junto aos alunos. Este artigo discute um dos aspectos analisados no contexto formativo dos Pedagogos, que é o conhecimento sobre os conceitos da Geografia, especialmente o espaço geográfico, conceito de extrema relevância no âmbito da Ciência Geográfica. Para tal, foram discutidos aspectos teóricos, atrelando-se a isso também um relato de experiência didática realizada junto às acadêmicas do referido curso na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus Chapecó, no ano de 2017. A atividade prática realizada teve como intuito fornecer subsídios para que as acadêmicas pudessem desenvolver e aplicar metodologias em sala de aula, tendo-se como base os conhecimentos sobre a espacialização.

Palavras-chave: Pedagogia; Espaço Geográfico; Didática; Geografia.

ABSTRACT

The teaching of Geography is one of the elements presents in the training courses of Pedagogues in Brazil, along with other knowledge necessary and pertinent to the practice of these professionals with the students. This article discusses one of the aspects analyzed in the formative context of the Pedagogues, which is knowledge about the concepts of Geography, especially the geographic space, a concept of extreme relevance in the scope of Geographic Science. To that end, theoretical aspects were discussed, as well as an account of didactic experience carried out with the scholars of the mentioned course at the Federal University of the South Frontier - UFFS, Chapecó, in the year 2017. The practical activity was carried out provide subsidies so that the academics could develop and apply methodologies in the classroom, based on the knowledge about spatialization.

Keywords: Pedagogy; Geographic space; Didactics; Geography

RESUMEN

La enseñanza de Geografía es uno de los elementos presentes en los cursos de formación de Pedagogos en Brasil, junto con los demás conocimientos necesarios y pertinentes a la práctica de estos profesionales junto a los alumnos. Este artículo discute uno de los aspectos analizados en el contexto formativo de los Pedagogos, que es conocimiento sobre los conceptos de la Geografía, especialmente el espacio geográfico, concepto de extrema relevancia en el ámbito de la Ciencia Geográfica. Para ello, se discutieron aspectos teóricos, arribándose a ello también un relato de experiencia didáctica realizada junto a las académicas del referido curso en la Universidad Federal de la Frontera Sur - UFFS, campus Chapecó, en el año 2017. La actividad práctica realizada tuvo como propósito proporcionar subsidios para que las académicas pudieran desarrollar y aplicar metodologías en el aula, teniendo como base los conocimientos sobre la espacialización.

Palabras clave: Pedagogía; Espacio geográfico; Didáctica; Geografía.

(*) Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Rua Pernambuco, 1777, Universitário, CEP: 85960-000, Marechal Cândido Rondon (PR), Brasil, Tel.: (+55 45) 99990.8797, luanacaroline.geografia@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/8710688934116217>

Histórico do Artigo:
Recebido em 10 Abril, 2017.
Aceito em 08 Agosto, 2017.

INTRODUÇÃO

O presente artigo surge a partir de atividades realizadas no âmbito da disciplina de “Ensino de Geografia - conteúdo e metodologia” ministrada no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, campus Chapecó, ano de 2017. Na ocasião, as acadêmicas matriculadas no referido componente curricular sugeriram que a disciplina buscasse uma realização prática, a partir de metodologias de ensino atreladas aos conteúdos geográficos. Essa sugestão das acadêmicas se deve ao fato de que elas necessitam, no âmbito de sua atuação pedagógica, de recursos práticos para trabalharem com os alunos a Geografia. Assim, um dos conteúdos desenvolvidos no decorrer da disciplina, que é a espacialização, foi trabalhado a partir de discussão teórica seguida de aplicações didáticas, as quais serão brevemente apresentadas no contexto deste artigo.

Entende-se que a maior dificuldade quanto a prática pedagógica reside exatamente na necessidade de transformar os conhecimentos teóricos em aplicações práticas, uma vez que as abordagens são feitas com crianças, para as quais a brincadeira e o desenvolvimento prático são as bases da construção dos conhecimentos. Assim, não faria sentido para as acadêmicas de Pedagogia que os conteúdos geográficos fossem trabalhados exclusivamente através de métodos estritamente teóricos. A proposta de construção de abordagens didáticas se faz útil no sentido de colocar as acadêmicas diante de uma situação de necessidade de atrelar a teoria à prática, bem como construir um arcabouço de abordagens que poderão ser utilizadas no momento efetivo de sua prática em sala de aula.

Desta forma, o presente artigo se propõe a realizar uma breve discussão teórica sobre a relevância dos estudos geográficos na formação dos pedagogos, bem como a abrangência do conceito de espacialização, compreendendo neste processo três momentos do conhecimento espacial, sendo eles o espaço vivido, o espaço percebido e ainda o espaço concebido ou representado. Em um segundo momento, são apresentadas algumas das aplicações didáticas realizadas pelas acadêmicas no curso de Pedagogia da UFFS, as quais desenvolveram uma abordagem didática junto às suas colegas de turma, com base nos conhecimentos teóricos previamente desenvolvidos. E, por último, é apresentada uma discussão sobre a prática geográfica em sala de aula, bem como as formas pelas quais os conteúdos da Geografia se fazem relevantes aos alunos, percebendo que a compreensão espacial é um processo que acompanha o próprio desenvolvimento do sujeito.

Cabe destacar que ao término da atividade, as acadêmicas líderes dos grupos tiveram como tarefa a produção e entrega de um breve relato sobre como ocorreu a elaboração das abordagens didáticas, bem como uma descrição breve das atividades dos demais grupos. Esses relatórios foram utilizados, juntamente com a bibliografia específica e as análises traçadas a partir das exposições, para elaboração do presente artigo. Portanto, algumas das considerações emitidas a partir das atividades práticas advém das próprias acadêmicas, outras tantas foram construídas coletivamente em sala de aula. Essa devolutiva teve como intenção avaliar se os resultados obtidos a partir da intervenção didática surtiram os efeitos esperados no âmbito do componente curricular.

DISCUSSÃO TEÓRICA: A GEOGRAFIA E O ESPAÇO GEOGRÁFICO

A Geografia é a ciência responsável pelo estudo do conjunto de fenômenos naturais e humanos que constituem o espaço geográfico. Assim, entende-se que por meio das relações dialéticas entre sociedade e natureza é que o espaço geográfico é produzido continuamente. O espaço aparece comumente como objeto central da Geografia, de modo que a Ciência Geográfica não se limita ao elemento físico, nem tampouco apenas ao

elemento humano, mas é sempre formada a partir das relações que se estabelecem nos variados contextos históricos.

No conceito de espaço geográfico está implícita a ideia de articulação entre natureza e sociedade. Na busca desta articulação, a Geografia tem que trabalhar, de um lado, com os elementos e atributos naturais, procurando não só descrevê-los, mas entender as interações existentes entre eles; e de outro, verificar a maneira pela qual a sociedade está administrando e interferindo nos sistemas naturais (GIOMETTI; PITTON, 2017, p. 34).

Entende-se que o conhecimento sobre o espaço geográfico inicia conjuntamente ao nascimento do indivíduo, quando a partir de sua interação com o meio, a criança estabelece impressões e percepções quanto ao espaço. Assim, apesar de ainda não ter recebido esse conhecimento formalmente, a criança estabelece relações de preferência e de negação em relação ao espaço, elementos que se relacionam com as vivências estabelecidas neste. Portanto, são as experiências positivas e negativas que irão definir o sentimento da criança em relação aos variados espaços.

Os níveis de assimilação quanto ao espaço geográfico podem ser divididos em três grandes momentos, um primeiro onde o espaço é vivenciado, um segundo onde o espaço é percebido e, ainda um terceiro onde o espaço é representado ou concebido. Estes momentos estão relacionados com o próprio processo de crescimento e desenvolvimento da criança, em conformidade com as possibilidades físicas e psíquicas de expansão dos conhecimentos da criança enquanto sujeito em constante processo de transformação.

O primeiro momento, denominado de “espaço vivido” se estabelece desde os primeiros momentos de vida da criança, o que pode ainda ser expandido também para as experiências intrauterinas, onde entende-se que a criança já tenha uma relação espacial, especialmente ligada ao sentimento de segurança, sendo ele um espaço restrito, mas no qual a criança já promove interações. O espaço vivido pode ser estendido até cerca de dois anos de idade, não havendo muita rigidez quanto a isso, de modo que cada indivíduo tem um processo único de desenvolvimento. Neste momento, a criança aprende noções de organização do espaço, especialmente por meio das brincadeiras.

Na fase do espaço vivido há uma necessidade por parte da criança de experimentar fisicamente o espaço, então o processo de brincar é o meio pelo qual o conhecimento espacial poderá se concretizar. As relações com o corpo são essenciais, pois é o corpo que estará em pleno contato com o meio, sendo que a criança é plena transformadora do espaço geográfico através de suas ações. Não se pode excluir a criança, enquanto sujeito histórico, do processo de produção do espaço, pois a própria criança é um produto das transformações ao longo do tempo, tendo acumulado inúmeros conhecimentos.

Neste contexto do espaço vivido não há obrigatoriamente a necessidade de refletir racionalmente sobre as ações no espaço por parte da criança, porque o que importa para ela são as descobertas a partir da vivência. O contato com os elementos da natureza, a organização do espaço no momento do brincar, as noções de distâncias no momento de engatinhar ou andar, são estes aspectos que irão colaborar para a construção do arcabouço de conhecimento espacial do sujeito. Desta forma, a relação com o próprio corpo é fundamental, pois é ele que vivenciará as sensações espaciais nesta fase.

Em um segundo momento, em conformidade com o desenvolvimento da criança, há uma modificação em relação as formas pelas quais o espaço é vivenciado. Neste contexto do “espaço percebido” a criança já não necessita experimentar o espaço fisicamente, embora ainda o faça com muita frequência. Neste momento, a criança não precisa mais estar corporalmente no local para identificar seus elementos, podendo se lembrar de locais ou trajetos nos quais ela já esteve. Através de uma fotografia ou gravura, a criança já consegue definir alguns aspectos em relação as distâncias, definindo quais

objetos estão distantes e quais estão próximos. Assim, o conhecimento empírico é ampliado, com uma maior subjetividade quanto ao conhecimento espacial. Os conhecimentos geográficos são expandidos neste momento, quando a criança consegue estabelecer relações entre o ambiente e as ações humanas.

Após os processos de vivenciar o espaço e perceber o espaço, a criança adquire condições para representar ou conceber o espaço geográfico. É neste momento em que a criança deixa de ser apenas observadora ou leitora do espaço, e passa a ser também mapeadora do espaço. Com os conhecimentos acumulados, a criança possui condições de representar através de variadas linguagens os elementos espaciais que ela vivenciou ou percebeu no decorrer de seu desenvolvimento. A exploração do espaço é algo que interessa à criança neste contexto, de modo que ela já consegue estabelecer interrelações espaciais mais complexas.

No processo de desenvolvimento do sujeito, vários conceitos são essencialmente importantes para que o conhecimento espacial seja ampliado, sendo alguns deles as noções de vizinhança, separação, ordem, envolvimento e continuidade. Estas noções estão intimamente relacionadas ao conhecimento espacial. A ideia de vizinhança se refere a percepção de que os objetos estão em um mesmo plano, organizados em espaços próximos. Um exemplo disso é que na casa do aluno, cômodos como sala e cozinha estão próximos, organizados segundo uma lógica. Ou ainda, na sala de aula, a porta está ao lado do quadro, no mesmo plano.

Após compreender o sentido da vizinhança, a criança precisa compreender outro aspecto, que é o da separação. Deste modo, por mais que os objetos estejam próximos, ainda assim eles são individuais. Mesmo estando em um mesmo plano e próximos, os objetos são separados por elementos como paredes ou outros objetos. Essa noção é importante inclusive quanto ao aspecto corporal, de modo que a criança estabeleça uma relação de vizinhança quanto ao seu corpo em relação aos corpos dos amigos. No entanto, ela precisa compreender que eles estão separados e precisam ser respeitados e, neste sentido, a criança precisa compreender a individualidade do corpo do colega, estabelecendo limites neste sentido.

Após estabelecidas essas concepções, a criança precisa compreender a ordem, percebendo que os elementos estão próximos, embora separados, mas que também possuem um ordenamento no espaço. Ou seja, o quadro está ao lado da porta, a qual está ao lado da carteira, e assim por diante. No mesmo sentido, a noção de envolvimento é fundamental, quando os alunos compreendem que os objetos possuem relações lógicas entre si. E por último, uma compreensão de que há uma continuidade entre todos os elementos no espaço, desde a sala de aula até o espaço mundial, onde todos os objetos estão relacionados e não há ausência de espaço. Essa última noção permite que a criança compreenda que sociedade e natureza não estão separadas, mas que se relacionam constantemente.

Um dos momentos importantes no contexto da compreensão geográfica é a descentralização que o aluno vivencia ao longo de seu desenvolvimento. Em um primeiro momento, a criança utiliza seu próprio corpo como referência espacial, ou seja, é um sujeito egocêntrico. Neste momento, a criança observa os objetos a partir de sua localização corpórea, compreendendo a organização do espaço a partir desta lógica. No entanto, há um momento em que essa relação se torna descentralizada, quando a criança deixa de se perceber como centro de referência e começa a adotar outros objetos como pontos centrais.

Existem alguns conceitos em relação a descentralização da organização espacial, sendo eles: a lateralidade, a profundidade e a anterioridade. A lateralidade corresponde à noção de direita e esquerda que uma pessoa desenvolve para orientar-se, utilizando-se

primeiramente do seu próprio corpo, e posteriormente de objetos externos ao corpo. Esse aprendizado será de fundamental importância no momento em que começarem a ser trabalhados aspectos relativos à localização no espaço a partir dos pontos cardeais, colaterais e subcolaterais. Quando há uma falha no desenvolvimento da lateralização, o aluno possivelmente terá muitas dificuldades em relação a aprendizagem cartográfica.

A profundidade corresponde à noção de posição com relação à variação na vertical, ou seja, quais objetos estão acima, quais estão abaixo, também primeiramente com o corpo e depois com elementos externos. E a anterioridade corresponde à noção de ordem e sucessão de objetos no espaço a partir de um determinado ponto de vista, o que está antes e o que está depois, em um sentido egocêntrico primeiramente e depois com aluno enquanto observador externo. Estas noções estão relacionadas com a compreensão dos objetos no espaço, permitindo o entendimento de como estes estão organizados e como se relacionam mutuamente. Esses conhecimentos são construídos gradativamente, quando a criança percebe que os objetos possuem partes e lados, os quais servem como referenciais externos ao corpo.

Algumas noções importantes sobre o espaço precisam ser construídas junto aos alunos no ambiente escolar, uma delas é a de que o espaço geográfico é diferente de espaço comumente referenciado (intervalo entre dois elementos). Isso se deve ao fato de que o espaço geográfico é resultado da relação entre a sociedade e a natureza mediada pelo trabalho humano. Além disso, o espaço geográfico somente passa a existir quando se verifica a interação entre o homem e o meio em que vive, do qual retira o que lhe é necessário para a sobrevivência, promovendo alterações de suas características originais. E ainda, os aspectos materiais do espaço geográfico são chamados de fixos, pois estão dispostos organizadamente no espaço. Já as atividades humanas são chamadas de fluxos, pois são dinâmicas e mudam constantemente (CORRÊA, 2000). Esses conhecimentos só podem ser efetivamente construídos quando se permite ao aluno que ele passe pelos vários momentos de compreensão espacial, o espaço vivido, o espaço percebido e o espaço representado.

RELATO DA PRÁTICA: PENSANDO ESPACIALIZAÇÃO EM SALA DE AULA

A atividade prática descrita por meio deste artigo foi desenvolvida no contexto da disciplina de “Ensino de Geografia - conteúdo e metodologia” ministrada no âmbito do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus Chapecó, em Santa Catarina, no ano de 2017. Na ocasião, a disciplina possuía sessenta acadêmicas matriculadas e com frequência. Portanto, as atividades práticas realizadas eram organizadas em grandes grupos, pensando-se na forma pela qual a turma era estruturada. Após as discussões teóricas sobre a história do pensamento geográfico, bem como uma conceituação da Geografia, o trabalho didático apresentado foi organizado junto das acadêmicas.

A proposta prática tinha como premissa a elaboração, por parte das acadêmicas, de uma atividade didática visando abordagens quanto a espacialização. Foi reservada uma noite para as aplicações, as quais poderiam ser realizadas em qualquer espaço da universidade. Surgiram várias experiências interessantes no contexto e que podem ser plenamente desenvolvidas junto aos alunos no processo de escolarização. A disciplina de “Ensino de Geografia - conteúdo e metodologia” foi o primeiro contato mais aprofundado das acadêmicas de Pedagogia em relação aos conceitos e conteúdos da Geografia, e foram notadas muitas lacunas que ficaram na formação geográfica destas no decorrer de sua formação escolar. Esse fato não ocorre apenas no contexto analisado, mas mesmo nos cursos de Licenciatura em Geografia ficam evidentes as falhas da formação geográfica

no Ensino Básico, especialmente em relação às noções de orientação e localização geográfica, e ainda quanto aos conceitos cartográficos.

Uma das aplicações realizadas pelas acadêmicas foi quanto ao espaço vivido, momento no qual elas conduziram as colegas para fora da sala de aula, trazendo uma proposta dinâmica no ambiente externo da universidade. A atividade em questão consistia na possibilidade de vivenciar uma experiência única em relação ao espaço, escorregando com papelão em um “barranco” com grama. A atividade gerou um momento de grande animação por parte das acadêmicas, as quais sentiam vontade de realizar esse tipo de atividade, mas reprimiam essa vontade porque a brincadeira é considerada socialmente como algo restrito à infância.

A questão teórica da aplicação reside no fato de que aquele espaço no qual elas escorregaram nunca havia sido vivenciado desta forma por elas, mesmo passando diariamente por aquele local, elas nunca puderam antes vivenciar aquele espaço da maneira proposta pelas colegas. Vivenciar o espaço é uma experiência interessante para compreensão dos usos e apropriações espaciais, é o contato corpóreo com uma dada porção espacial. Assim, a atividade focava na possibilidade de vivenciar o espaço através do movimento, porém de uma forma agradável e divertida.

No mesmo sentido, um outro grupo trouxe uma espécie de gincana, na qual as acadêmicas tiveram a oportunidade de experienciar várias sensações corporais em contato com o espaço. A atividade proposta prezou pela questão sensorial, com dinâmicas como o “pau de fita”, um túnel por onde puderam passar e com isso compreender as dimensões do espaço, uma trilha de sensações, onde através dos pés descalços é possível sentir a textura de materiais como algodão, palha de aço, grãos e sementes, etc. Além disso, as acadêmicas produziram ainda uma pequena casinha, onde na atividade as crianças poderiam entrar, bem como uma caixa com espelho, buscando trabalhar a percepção da criança enquanto indivíduo. A atividade explorou as várias formas de movimentação do corpo, através de ações simples como engatinhar e caminhar, pular e rolar, gerando uma consciência do corpo e do espaço.

Outra atividade proposta pelas acadêmicas e que foi bastante interessante no âmbito das dinâmicas efetuadas foi uma contação de histórias realizada na biblioteca da universidade. A biblioteca é um espaço no qual as acadêmicas entram apenas para retirar livros ou, no máximo, realizar alguma pesquisa ali mesmo. No entanto, na atividade realizada, as graduandas sentaram-se todas no chão de um “hall de entrada” da biblioteca, enquanto as proponentes da atividade leram a história “A menina e o velho” de Lia Dalva Jacy Grassa e Thelma Bellotti. No livro, o velho conta para a menina sobre os vários tipos de casas que ele havia visto em sua vida, enquanto a menina imagina espaços nos quais ela não esteve efetivamente.

A atividade de imaginar os espaços é importante na Geografia, pois muitos locais não serão realmente visualizados pessoalmente pelas crianças, mas podem ser imaginados através da fala de outras pessoas, das imagens midiáticas e dos livros lidos no decorrer da vida. Imaginar e representar os espaços imaginados é também construir os conhecimentos geográficos. A história contada teve a capacidade de fazer com que as acadêmicas pudessem imaginar os diversos tipos de espaços descritos na história, sem que elas nunca estivessem estado nestes espaços. Em um segundo momento, o grupo propôs às colegas que estas desenhassem um caminho ligando suas casas até o espaço da universidade, colocando neste desenho vários pontos de referência que elas considerassem importantes, mostrando assim que existe uma ampliação do campo empírico em relação a análise dos espaços.

Outra atividade interessante, dentre todas as apresentadas, foi a realização de uma caça ao tesouro no espaço da universidade. Essa atividade propiciou às acadêmicas a

vivência em outros ambientes do espaço universitário, o que dificilmente ocorreria em situações comuns, quando a rotina torna o deslocamento pelo espaço algo mecânico, sem grandes reflexões. Neste momento, as proponentes da atividade entregaram às colegas uma rosa dos ventos para facilitar a localização e orientação pelo espaço, e confeccionaram um mapa do espaço da universidade. Após isso, as proponentes lançaram charadas para que as colegas descobrissem, as respostas destas charadas levavam ao espaço onde se encontrava uma nova charada. Após terem decifrado todas as questões, elas finalmente chegavam ao local do “tesouro”, no qual estavam escondidos doces. Essa atividade é interessante no contexto da Geografia por variados motivos, um deles sendo a própria possibilidade de “descobrimento” e vivência espacial e, de outro lado, a construção das noções cartográficas, especialmente quanto à orientação espacial pelos pontos cardeais.

Quanto ao processo de reprodução do espaço, ou seja, o espaço concebido, é uma das fases de maior dificuldade no âmbito dos conhecimentos e práticas escolares, porque é o momento em que as crianças entram em contato com o processo de mapeamento espacial, o que significa efetivamente que deverão construir e aplicar os conteúdos cartográficos. Existem profundas falhas no desenvolvimento das habilidades cartográficas nos mais diversos níveis de ensino, e mesmo na sociedade em geral. Essas dificuldades são transmitidas aos alunos por parte dos professores, que também não tiveram uma adequada alfabetização cartográfica, processo este que vai perpassando gerações. A alfabetização cartográfica é negligenciada em detrimento do conhecimento das letras e dos números, em muitos casos.

Como forma de trabalhar esse processo cartográfico com as crianças, as acadêmicas trouxeram uma abordagem prática que coloca o aluno no papel de mapeador. Assim, dispuseram objetos estrategicamente sobre a mesa do professor em sala de aula, e dividiram a turma em grupos. Os grupos foram colocados em pontos com visões diferenciadas em relação ao objeto central a ser representado, devendo desenhar a “paisagem” que estavam visualizando desde seus posicionamentos no espaço. Os desenhos foram elaborados sob ângulos diferentes pelos grupos, o que demonstrou que a representação espacial possui variações em conformidade com o olhar do observador e mapeador. Esse processo também permite que os alunos transformem objetos tridimensionais (concretos) em objetos bidimensionais (representações planas). Assim, aplicando-se essa atividade com as crianças, estas podem compreender como o processo de mapeamento ocorre em relação ao espaço geográfico, ou seja, como elementos concretos (uma cidade, por exemplo) podem ser transformados em representações cartográficas e visualizadas/lidas por muitas pessoas posteriormente.

A Educação Cartográfica é fundamental para promover um ensino de Cartografia atrelado aos conhecimentos da Geografia, através da relação entre as bases conceituais, os procedimentos e a formação pedagógica. Neste sentido, busca-se a constituição de um aluno-mapeador, uma vez que “o espaço lido e mapeado é ressignificado” (PASSINI, 2015, p.147). Uma das atividades que mais produzem bons resultados neste sentido é a representação do trajeto que o aluno percorre cotidianamente para se deslocar de sua casa até o ambiente escolar, de modo que na fase do espaço concebido, a criança já possui condições de desenhar este espaço sem efetivamente estar nele, apenas usando suas memórias visuais. Assim, o aluno mapeia um espaço a partir de suas concepções e experiências, enfatizando elementos que são importantes para ele em detrimento de outros que considera secundários. Neste processo, o aluno compreende que todo produto cartográfico é influenciado pela visão do mapeador, e não condiz com a realidade estrita.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA GEOGRÁFICA NA ESCOLA

É imprescindível, com as crianças, que o professor parta do concreto (espaços vividos) e não do abstrato (conceito), de modo que os conceitos não devem, na prática, anteceder aos conteúdos especificamente (KAERCHER, 1999). Assim, cabe ao professor resgatar as experiências empíricas dos alunos na produção dos conhecimentos em sala de aula. Um dos papéis da Geografia é o de fornecer subsídios para que os alunos, juntamente com os professores, construam noções sobre os sentidos da vida, os motivos pelos quais as espacialidades são estruturadas das formas pelas quais se apresentam num dado momento histórico. E ainda, quais os processos que alteram estas espacialidades, e como elas poderão encontrar-se em um futuro próximo ou distante, por conta da ação humana no meio. Assim, perceber os elementos que se relacionam com a produção do espaço é fundamental no contexto das abordagens geográficas junto ao papel do profissional da Pedagogia. Neste sentido, nada deve ser naturalizado, mas as coisas que compõem o espaço devem ser entendidas como construções humanas.

Quanto ao papel da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, Callai (2005, p. 228) analisa que “uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens”. Assim, quando a criança compreende seu papel enquanto sujeito histórico, produtor do espaço geográfico, ela compreende a organização mundial, bem como as formas pelas quais as diferenças sociais são também responsáveis pelo desigual uso e ocupação do espaço. A Geografia oferece condições para que a criança leia o espaço vivido, e neste processo ela pode olhar, observar, descrever, registrar e analisar o espaço, constituindo-se enquanto observadora do espaço, mas também leitora deste.

No contexto escolar, não é suficiente que o professor tenha disposição de mudar e romper com os paradigmas tradicionais, fragmentados, descritivos, que por muito tempo foram as bases do conhecimento científico, inclusive da Geografia. É preciso que ele tenha em suas mãos os meios pelos quais possa fazer essa diferença, e uma das formas pelas quais essa ruptura se faz possível é através de metodologias de ensino que incluam o aluno no processo de produção dos conhecimentos. A função do professor no contexto dos conhecimentos geográficos é o de fazer com que o aluno perceba seu papel no mundo, enquanto agente de transformação espacial. Neste sentido, parte-se da premissa de que o aluno lê o mundo muito antes mesmo da leitura da palavra (CALLAI, 2005). Assim, os conhecimentos geográficos estão dentre os mais primitivos conhecimentos adquiridos pelos seres humanos.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental há uma valorização dos conhecimentos empíricos da criança, portanto, preza-se por relacionar os conteúdos teóricos ao contexto das vivências extraescolares do aluno. Os conhecimentos e práticas partem da referência corpórea, ou seja, em relação ao sujeito egocêntrico, e depois se estendem para referências externas ao corpo da criança (objetos variados no espaço). Durante o processo de construção dos conhecimentos espaciais, havendo um aprofundamento, surge a necessidade de representação. Já nos anos finais do Ensino Fundamental, a representação é o elemento básico dos conhecimentos sobre o espaço, especialmente por meio das relações entre os elementos naturais e artificiais que o constituem. Espera-se ainda que o aluno já tenha conhecimentos sobre localização no tempo e no espaço, orientação e representação do espaço vivido.

A Geografia não é uma disciplina isolada no contexto dos conhecimentos, mas ela é parte de um conjunto de saberes expressos na complexidade do currículo escolar. A Geografia se ocupa da compreensão da espacialidade dos fenômenos, tendo como base o conceito de espaço geográfico, juntamente com os demais conceitos como região,

território, lugar e paisagem. No entanto, os conhecimentos geográficos não se esgotam na Geografia, mas são estendidos aos demais campos do saber, pois todo conhecimento produzido historicamente tem o poder de transformação espacial. Conforme Cavalcanti (2010) hoje os alunos são “cidadãos do mundo” e isso pode parecer um desafio para alguns professores. O ideal, neste sentido, é uma formação interdisciplinar, com abordagens relacionadas a outros campos do conhecimento. Assim, os conhecimentos geográficos só se tornam completos quando compreendidos no contexto de uma abordagem mais ampla, que leva em consideração todo conhecimento produzido pelos homens no decorrer do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma pela qual o conteúdo espacialização foi aplicado junto às acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira – UFFS, no contexto da disciplina de “Ensino de Geografia - conteúdo e metodologia”, atrelando os conhecimentos teóricos às abordagens práticas criadas pelas próprias futuras pedagogas, foi uma experiência gratificante e trouxe boas reflexões no conjunto da turma. Entende-se que as metodologias pelas quais os conteúdos serão trabalhados em sala de aula não chegam finalizados ao professor pedagogo, sendo que este tem a função de criar estratégias que melhor se enquadram ao contexto de cada agrupamento de alunos. Além disso, participar de uma abordagem didática criada pelas colegas propiciou que as acadêmicas vivenciassem formas diferentes de apreensão dos conteúdos, auxiliando na formação de seu arcabouço teórico-metodológico.

O conhecimento espacial é um processo contínuo, o qual se desenvolve no decorrer de todo desenvolvimento do sujeito. Entende-se que os conhecimentos espaciais devem ser trabalhados dentro de um contexto de alfabetização, ou como uma educação geográfica, tal como é feito no âmbito das letras e dos números. O conhecimento do espaço fornece ao sujeito as condições necessárias para que ele se perceba enquanto elemento essencial na constituição deste espaço. A criança só irá compreender efetivamente a organização do espaço, quando perceber que ela é parte deste processo, como sujeito que historicamente produz e reproduz espacialidades em conformidade com os variados contextos históricos. E para isso, ela precisa ser uma observadora, mas também uma representadora deste espaço, culminando em um processo no qual ela adquire a capacidade de leitura do espaço, compreendendo as dinâmicas que o formam.

O professor pedagogo tem papel fundamental na construção das noções espaciais, porque é ele quem aborda os primeiros conceitos teóricos junto ao aluno, relacionando estes com as vivências e práticas espaciais que a criança já vinha construindo desde seu nascimento. Os conhecimentos que são construídos na infância serão as bases para o aprofundamento das noções geográficas em momentos posteriores da formação escolar deste aluno. As lacunas que ocorrem neste processo inicial são percebidas ao longo do desenvolvimento das habilidades espaciais do aluno, por isso é importante que haja um trabalho adequado neste momento do processo formativo, e este só pode ser alcançado quando são relacionados os conteúdos teóricos em uma abordagem prática, na qual o aluno é parte integrante.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago.

2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>>.

Acesso em 01 jul. 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais do I Seminário Nacional Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, nov. 2010. Disponível em: <

<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>>. Acesso em 01 jul. 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.).

Geografia: conceitos e temas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GIOMETTI, Analúcia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Sílvia Aparecida Guarnieri. Leitura do Espaço Geográfico Através das Categorias: Lugar, Paisagem e Território. **Conteúdos e Didática de Geografia**, UNESP.

Disponível em: <

http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47175/1/u1_d22_v9_t02.pdf>.

Acesso em 29 jun. 2017.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia é nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, A.C. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS/AGB, 1999.

PASSINI, Elza Yasuko (Org.). **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.